

IMP 2.1.6.1982



26-III-1982



Rua 15 de Novembro, em 1887.

A cidade de São Paulo em três épocas

ERNANI SILVA BRUNO

Acaba de ser publicado, em co-edição Casa Civil/Imprensa Oficial/Secretaria da Cultura/Arquivo do Estado, "São Paulo em Três Tempos" — álbum comparativo da cidade de São Paulo (1862-1887-1914) — com dois excelentes textos, um de Ilka Brunhilde Laurito, estudando a figura do fotógrafo Militão de Azevedo, e outro de Carlos A. C. Lemos, falando da metamorfose paulistana de meados do século passado às primeiras décadas do atual.

O famoso "Álbum Comparativo de Militão", como não se ignora, confrontando aspectos da cidade em 1862 e em 1887 — e que, em artigo para este jornal, sugeri que poderia ter sido inspirado pela publicação das "Notas de Viagem", de Junius, comparando a cidade em que estudara, em 1850, com a que reviu em 1882 —, já foi objeto de recente edição da Secretaria da Cultura.

Mas a idéia de se acrescentarem às fotografias de Militão — no álbum agora editado —, outras, dos mesmos locais urbanos, feitas em 1914 pela Casa Duprat, é de muita validade e interesse, porque assinala as mudanças da fisionomia do burgo paulistano até a segunda década do século atual.

Seria oportuno lembrar que Jules Martin, Nereu Rangel Pestana e Henrique Varnorden editaram em 1905, em fascículos, uma publicação denominada "São Paulo Antigo e São Paulo Moderno", em parte uma tentativa de complementação do que fizera Militão. Bondes elétricos já circulavam pelas fotos desse álbum, que mostrava também os então novos edifícios da cidade, como a estação da Luz, a Escola Caetano de Campos e (em construção) o Liceu de Artes e Ofícios. Como poderiam ter mostrado o viaduto do Chá, a praça da República ajardinada e a nascente avenida Paulista, nos confins do espigão...

Mas é evidente que quase dez anos depois — em 1914 — seria possível registrar melhor e, em estágio de definição mais completo, todo aquele processo de transformação da paisagem urbana paulistana desfechado a partir da expansão da lavoura cafeeira pelo Oeste paulista, da construção das primeiras estradas de ferro e da presença maciça dos imigrantes.

Mesmo porque a cidade procurava então assumir — às vezes mediante esforço deliberado de administradores como Antônio Prado — uma feição tanto quanto possível européia, escondendo ou eliminando os traços não-europeus ou "caipiras" que porventura perdurassem em suas ruas, em suas casas, em seus jardins, em seus costumes até. É significativa a referência de Alessandro d'Atri ao empenho do prefeito Prado no sentido de fazer, de sua cidade natal, uma rival, do ponto de vista estético (de acordo com padrões de beleza estandardizadamente europeus), uma das mais belas capitais da América do Sul.

Tudo bem, mas não era necessário, por exemplo, dismantelar e remover para o almoxarifado da Prefeitura o belo chafariz que se ostentava desde fins do século 18 no largo da Misericórdia e que fora exilado para o largo de Santa Cecília...

Em torno de 1914 a cidade já podia exibir o parque Anhangabaú e os palacetes Prates, o viaduto Santa Ifigênia, o Teatro Municipal e o Teatro São José e ainda alguns outros edifícios de arquitetura requintada, projetados por Carlos Eckmann, como o da Casa Alemã e o da Escola de Comércio Álvares Penteado. O álbum agora editado mostra algumas dessas novidades da época, ruas pavimentadas a paralelepípedos, prédios de três ou quatro andares, na parte central da cidade — onde já aparecia como algo arcaico um ou outro edifício ostentando beirais de sabor colonial —, a "ladeira" de São João toda arborizada e a praça da Sé desafogada e ampla, mas desfalcada de sua bonita matriz colonial.

Trata-se de mais um valioso documentário iconográfico a ser curtido pelos pesquisadores da evolução urbanística e arquitetônica de São Paulo. Ou pelos simples curiosos, apaixonados pelas feições de um passado que eles tentam adivinhar através das configurações atuais da cidade. Se bem que não seja possível recuperar todas as imagens perdidas, de edificações que foram se erguendo, se demolindo ou se sobrepondo, na fluência dos anos e dos séculos, sobre os mesmos chãos imperecíveis.



A matriz colonial não existe mais.